

BRASIL EM 2020

PARADOXOS E OPORTUNIDADES

DEZ/2019 - JAN/2020



O BRASIL MUDOU DE LADO



Se vivemos tempos de transformações, ciclos curtos e incertezas, o Brasil da década que se encerra é um bom caso de estudo. Em 2010, o país escolhia um governo progressista nos costumes e estatista na economia, mas termina 2019 com a ascensão do conservadorismo nos costumes e uma política econômica embasada no pensamento econômico liberal da escola de Chicago. Assim, mistura sinais e parece avançar em um sentido e retroceder em outros. O desafio de analisar este primeiro ano de governo de Jair Bolsonaro, reconhecido pelo seu perfil de extrema direita e pela alta influência de três de seus filhos no governo, é justamente ponderar os impactos nos âmbitos social, ambiental, econômico e político; gerados não apenas pelas decisões de governo, mas principalmente, pelas declarações do presidente e seus aliados. Neste documento, a Ágora Brasil oferece aos leitores dados e referências que apontam as tendências do país em 2020. A estrutura definida para o paper utilizou como parâmetro os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU divididos entre as seguintes áreas: Governança, Transparência e Relações Internacionais, Desempenho Econômico, Desempenho Social e Desempenho Ambiental. As análises consideraram, sobretudo, as ações no âmbito federal, incluindo os poderes executivo, legislativo e judiciário. Ao final, apresentamos Perspectivas 2020 para os principais setores da economia.





Desde a campanha, o presidente Jair Bolsonaro e sua equipe já demonstravam sinais de que a estrutura do poder executivo, a divulgação de informações e a relação com a comunidade internacional passariam por profundas transformações. Em muitos aspectos, grupos políticos e sociais não acreditavam que as intenções se concretizariam. Em relação à governança, a reestruturação dos ministérios, reduziu gastos e burocracia e enfraqueceu áreas como trabalho, cultura, direitos humanos e desenvolvimento social. Essas áreas foram incorporadas por outras pastas ou extintas, provocando manifestações de diferentes grupos representantes da sociedade, incluindo o empresariado. Outro aspecto importante da governança, a relação entre os três poderes, ao longo do ano pareceu se deteriorar com vários episódios de desentendimento entre os seus líderes e até fortes declarações de que o processo democrático é visto como um problema para a governabilidade por integrantes poderosos do governo. As declarações foram feitas pelos filhos do presidente e pelo ministro da Economia, Paulo Guedes. A transparência dos governos foi posta à prova logo no início do mandato com uma proposta do poder executivo de alteração e enfraquecimento da Lei de Informação, que obriga a todos os órgãos públicos a divulgarem dados e decisões em canais públicos. O Congresso Nacional rechaçou a ideia por pressão da opinião pública. Ações como essa têm piorado a posição do Brasil no Índice de Percepção da Corrupção (IPC), da Transparência Internacional. Embora o poder executivo tenha buscado enfraquecer as instituições, atacando a imprensa, por exemplo, o equilíbrio entre os três poderes tornou-se essencial, colocando o Congresso e o Supremo Tribunal Federal como importantes atores em pautas relevantes como a Reforma da Previdência e julgamentos de ações polêmicas. Nas relações internacionais, o Brasil apresentou ao mundo um novo e belicoso posicionamento. Os fatos (pressões comerciais) se impuseram e ainda não está claro se esse tom pouco amistoso será mantido nos próximos anos. A tentativa de alinhamento automático ao governo Trump com troca de benefícios entre os países não deu certo e o tom elevado em relação à China precisou ser calibrado para viabilizar novos acordos comerciais, além disso depois de duas décadas de negociações para o acordo bilateral entre o Mercosul e a União Europeia evoluiu, mas o país parece ranger os dentes para os países vizinhos e para os europeus, que não estão confortáveis com a política ambiental brasileira. Aparentemente, os interesses comerciais prevalecerão e os discursos de enfrentamento não passarão de palavras ao vento.



O BRASIL COMEÇA A EXPERIMENTAR O LIBERALISMO

Na economia, o ano termina com um suspiro de alívio. Esta é a área onde o governo parece ter gerado o maior impacto positivo no ano. O terceiro trimestre teve desempenho melhor que o esperado e alcançou 0,6% de crescimento em relação ao trimestre anterior.

A expectativa de crescimento anual é de 1% de aumento do PIB. Os números não deixam ninguém exultante, é verdade. Afinal, a saída de uma recessão costuma ser mais pujante, mas diante dos resultados do primeiro semestre, são bem-vindos.

Acredita-se que este é o primeiro reflexo das reformas realizadas e programadas pelo governo, com destaque para as novas regras previdenciárias, e, principalmente, de uma nova onda de investimentos que chega pelo setor privado e não, como em outros momentos, impulsionados por dinheiro público. O que não mudou foi a liderança da agropecuária (1,3%) na promoção do crescimento, seguida pela indústria (0,8%). Um destaque é que as expectativas da indústria, que passa por longa crise, são positivas.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), do Confederação Nacional da Indústria (CNI), apresenta trajetória de alta e alcançou 62,5 pontos em novembro, alta de três pontos percentuais em relação ao mês anterior. O que parece se concretizar é o avanço do país em direção a uma economia mais aberta e a um Estado mais enxuto com foco na eficiência operacional. No ano, por exemplo, o governo privatizou 27 ativos e prevê uma nova rodada para 2020.

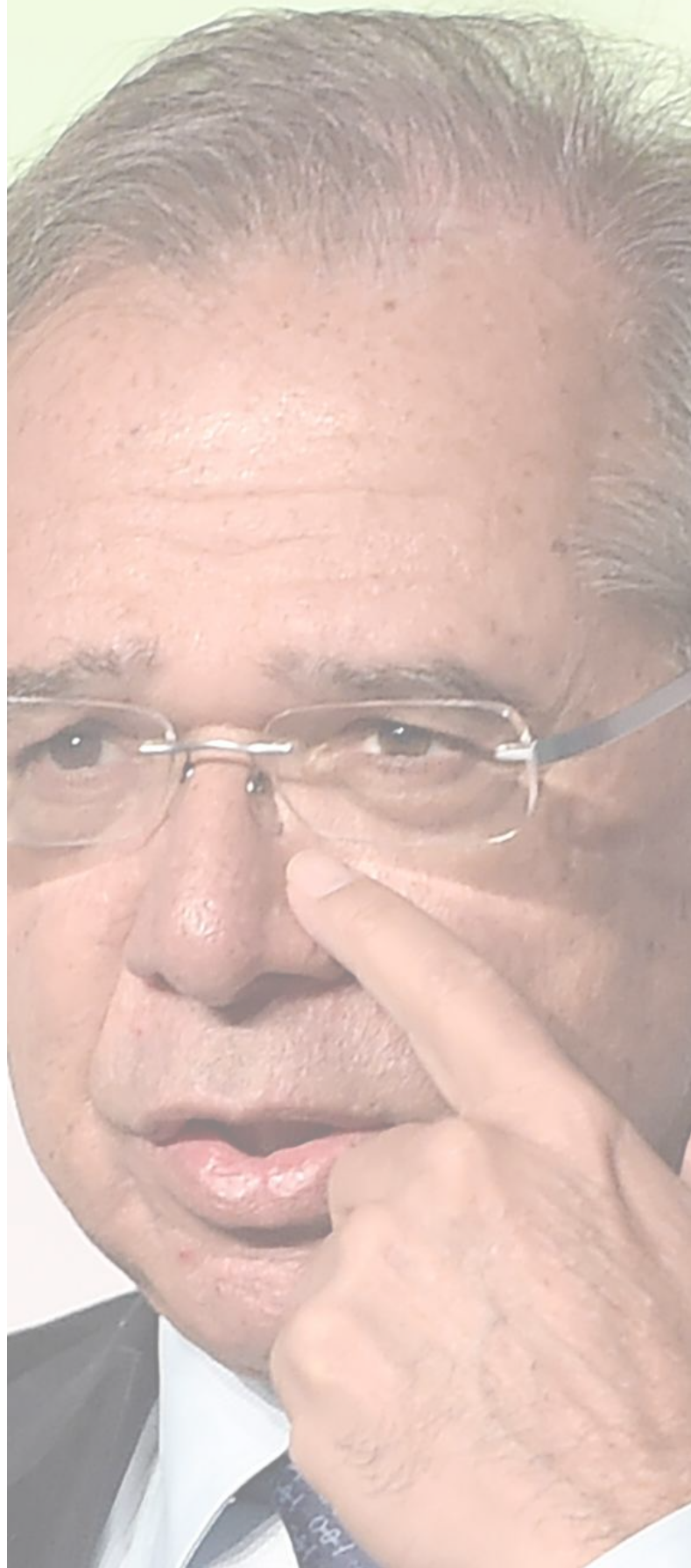
A dúvida é o quanto o conceito de eficiência do governo será capaz de atender as necessidades sociais em um país símbolo da concentração de renda e das desigualdades sociais. Falando em macroeconomia, o país experimenta um cenário inédito ao menos na sua história recente. Inflação abaixo da meta estipulada pelo Banco Central, juros básicos de 4,5% a.a conjugados com uma certa tranquilidade em relação ao déficit do setor público, que deve ficar abaixo da meta do ano.

A balança comercial segue favorável com saldo de US\$ 42,7 bilhões (dado da primeira semana de dezembro) e o real desvalorizado. No entanto, o governo mantém a expectativa de investimentos públicos baixa, devido, segundo o ministério da Economia, ao aumento das despesas obrigatórias com aposentadorias e servidores públicos ativos.

Não devemos terminar essa análise, sem falar do crescimento do consumo das famílias e das ações do Banco Central para reduzir o custo do crédito para pessoas físicas no país. Embora, a taxa básica de juros venha caindo desde o segundo semestre de 2016, os juros praticados pelos bancos seguem ultrapassando a marca de 150% a.a. Desde 2017, o Banco Central incentiva o aumento da competitividade no setor bancário e as fintechs são bem-vindas no país.

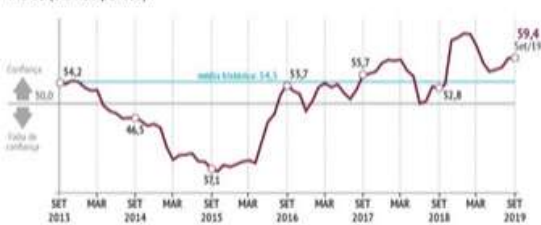
Esse movimento, junto com outras ações de liberação de recursos para as famílias, favoreceu o consumo assim como, obviamente, a retomada econômica que criou empregos, mas ainda está longe acolher os cerca de 13 milhões de desempregados.

PORTAS ABERTAS



ICEI - Série histórica

Índice (0 a 100 pontos)*



*Valores acima de 50 pontos indicam confiança dos empresários. Quanto mais acima de 50 pontos, maior e mais disseminada é a confiança.



CONQUISTAS EM RISCO

A VOLTA DA FOME E O AUMENTO DO MEDO

O espectro social coloca o Brasil de 2019 em uma posição de atenção com decisões governamentais que reduziram a participação social nos processos decisórios e um discurso com viés autoritário e religioso. Há a percepção, ainda não confirmada por estudos científicos, de que a mudança da narrativa do governo sobre questões como direitos humanos, igualdade de gênero, combate ao racismo e à homofobia e o papel da polícia na segurança pública tenha influenciado as estatísticas sociais brasileiras. Estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra a deterioração do cenário social nos últimos três anos. Em 2018, o país somava 6,5% da população (13,5 milhões de pessoas) vivendo abaixo da linha de miséria estabelecida pelo Banco Mundial.

Os dados de 2014 indicavam 4,5% da população nessas condições. Entre os números da violência, destacamos a letalidade policial. No Rio de Janeiro, dados parciais indicam o aumento de 20% de homicídios cometidos por policiais em 2019 diante da redução de 42% do número de policiais mortos, segundo levantamento da Monitor da Violência da GloboNews TV.

Todo esse cenário pode ser agravado por ações de desmonte do arcabouço legal e institucional da rede proteção social do país, além da redução dos investimentos em educação, saúde e cultura em conjunção com a implementação de valores conservadores na gestão pública. Não pretendemos nos estender aos detalhes dos contextos que envolvem a área social do Brasil no momento. O que deve ser ressaltado é que há espaço para empresas e instituições que atuam de forma alinhada aos ODS e à Agenda 2030 desenvolverem projetos e negócios que viabilizem o avanço do país na oferta de melhores oportunidades de acesso à educação, saúde e cultura, o que, naturalmente, reduzirá os índices de violência.



Indicadores: desigualdade social e acesso à educação, saúde e cultura

IMPACTOS INCALCULÁVEIS

Este foi o tema que mais deu visibilidade internacional ao país em 2019. Infelizmente, isso se deu por inúmeros retrocessos gerados pelo governo federal. As posições críticas do núcleo forte do presidente Bolsonaro e mesmo do ministro de Meio Ambiente, Ricardo Salles, aos estudos e movimentos que reconhecem e combatem as mudanças climáticas tornaram o Brasil uma espécie de vilão na comunidade internacional. O resultado final da COP25 resume a posição do governo em não avançar internamente e não colaborar com as ações internacionais. O episódio que mais impactou a opinião pública internacional foi a queimada na Amazônia que levou à São Paulo, a cerca de seis mil quilômetro de distância, uma nuvem negra que fez da tarde noite em uma das maiores cidades do mundo. Se o fato por si só não fosse forte o suficiente, as reações do governo brasileiro mostraram que o espaço para o diálogo construtivo é pequeno. Muitos especialistas acreditam que os retrocessos promovidos pelo atual governo impactarão áreas e espécies protegidas no longo prazo.

Portanto, os indicadores relacionados aos ODS ambientais também distanciam o Brasil das metas da Agenda 2030. Um dado importante foi relevado pelo jornal liberal O Estado de S.Paulo: 25 cargos de liderança do Ministério de do Meio Ambiente não foram preenchidos, R\$ 8 milhões do orçamento da pasta não foram executados e muitos programas estão paralisados, incluindo, o programa de combate ao desmatamento da Amazônia. Se de um lado o governo vai na contramão da ciência, empresas, instituições privadas nacionais e internacionais e cidadãos atuam para ampliar o seu protagonismo na defesa do meio ambiente. Governos estaduais e municipais também se organizam para desenvolver projetos e impedir o avanço de práticas que possam afetar o ecossistema local. Existe, portanto, uma oportunidade para novos negócios e iniciativas com ofertas de serviços e produtos sustentáveis.



Indicadores: preservação e combate às mudanças climáticas



No próximo ano, o Brasil passará pelas primeiras eleições municipais pós-ascensão da direita. Grupos políticos de centro tentam se organizar para protagonizar o pleito e aumentar a sua capilaridade por meio de prefeituras e câmaras locais, preparando o terreno para as eleições presidenciais de 2022.

Os grupos de esquerda ainda não se recuperaram dos abalos sofridos pelas denúncias da Lava Jato e as manifestações de junho de 2013. O seu principal líder, Luis Inácio Lula da Silva, passou cerca de um ano e meio preso, foi solto e tenta refortalecer o PT, seu partido, e o bloco de esquerda como um todo. No entanto, as evoluções nesse sentido parecem insuficientes para que a esquerda reocupe o espaço perdido. As eleições municipais serão um teste de fogo.

O governo também terá o seu teste de fogo nas eleições e na sua relação com os outros poderes. O número de aliados eleitos será um sinalizador relevante sobre as chances de reeleição de Jair Bolsonaro em 2022. Isso porque mostrará o nível de apoio popular ao governo e dará – ou não – capilaridade ao governo, ou seja, poderá ser mais fácil alcançar os eleitores nos municípios.

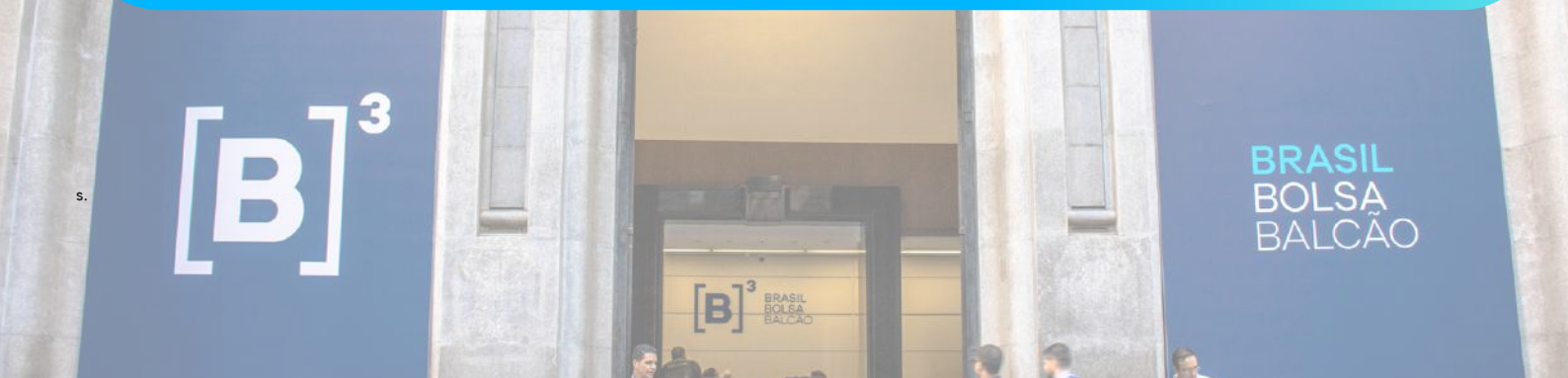
A relação, sobretudo com o Congresso Nacional, será pautada pelas eleições municipais e pelo nível de aproximação ou descolamento dos parlamentares do governo. Em 2019, as casas legislativas foram protagonistas com grande destaque para o presidente da Câmara, o centro-direitista, Rodrigo Maia. A ver se em 2020 esse movimento se repetirá.

O Judiciário deve continuar sendo requisitado para aparar as arestas entre os outros dois poderes. A questão é que muitos juristas têm considerado o Supremo Tribunal Federal mais tendencioso e político do que o esperado em um Estado democrático de direito.

O fator surpresa pode mesmo ser as ruas. Desde 2013, quando a população surpreendeu a todos e foi para as ruas questionar governantes, abrindo espaço para uma grande transformação no cenário político nacional, a classe política está em alerta. A verdade é que o início, o meio e o fim dessas manifestações ainda não foram completamente decodificados por políticos ou estudiosos da sociedade. Isso torna ainda mais difícil monitoramento da temperatura das ruas. Um click e o Brasil se juntará ao Chile, Colômbia, Bolívia e Argentina, mudando mais uma vez o cenário político. O que pode acionar esse dispositivo é a resposta de um bilhão de dólares – ou mais.



OTIMISMO INTERNO, PRECAUÇÃO EXTERNA



Neste último trimestre as expectativas para 2020 têm melhorado. Não só a previsão de crescimento do PIB, que chega à 2,5%, mas também das notas de crédito do país que devem ser promovidas à positiva pelas agências de rating. Há uma certa expectativa positiva em relação à volta dos investidores nacionais e internacionais ao país, que tem imensa demanda de investimentos de longo prazo. O cenário internacional se mantém em destaque na avaliação do governo e dos especialistas nacionais, assim como os estrangeiros mantêm o Brasil como uma possibilidade, mas ainda em avaliação.

Os possíveis impactos do acordo entre Estados Unidos e China, que devem se favorecer mutuamente no comércio internacional, é o ponto tido como mais sensível no cenário externo, embora tenha causado alívio no mundo. Do ponto de vista de ações do governo, as reformas e as privatizações prometidas têm ritmo mais lento que o esperado por investidores e empresários, que veem o radicalismo de Bolsonaro e seus filhos como um fator relevante no atraso. As eleições municipais devem influenciar a capacidade do governo em dar andamento a medidas nada populares como o corte de elevados benefícios financeiros para servidores públicos.

A opinião pública vê as mudanças na estrutura do funcionalismo público com bons olhos, mas a força dos sindicatos pode pesar mais que ela. A reforma tributária e criação de novos tributos também estão na agenda, mas podem ficar paralisadas até a eleição em outubro. De qualquer forma, a pauta segue sendo abrir a economia, mudar o complexo e improdutivo sistema tributário, vender 44 ativos entre portos, aeroportos e rodovias, além da Eletrobras (empresa nacional de energia e maior do setor) e negócios da Petrobras.

As privatizações e parcerias público privadas nas esferas estaduais e municipais na área de saneamento básico devem aquecer a cadeia do setor, gerando empregos em todas regiões.

Indicador	Expectativa 2020	Tendências 2021 - 2022	Fonte
PIB	2,22%	Alta	Boletim Focus Banco Central
Dólar	R\$ 4,01	Estabilidade	Boletim Focus Banco Central
Taxa Básica de Juros Selic	4,5%	Alta	Boletim Focus Banco Central
IPCA - Inflação	3,6%	Estabilidade	Boletim Focus Banco Central
Déficit Primário do Setor Público/PIB	78,2%	Estável com viés de queda	Ministério da Economia
Investimentos Públicos	Até R\$ 26 bi	Alta	Ministério da Economia




MONITORAR

- Reforma Administrativa: redução do custo do Estado
- Reforma Tributária: simplificar o sistema e estimular a produtividade
- Privatizações: energia, óleo e gás, saneamento básico, portos, aeroportos e rodovias




PREVISÕES SETORIAIS

AGRONEGÓCIO: UMA COLHEITA RECORDE



As oportunidades no setor de agronegócio brasileiro estão principalmente relacionadas à eficiência de gestão e produção. Há a expectativa de que em 2020 o país ultrapasse os Estados Unidos na produção de grãos, mas especialistas apontam que é possível elevar ainda mais os índices de produção. Com a ajuda da tecnologia, isso é possível sem alçar mão de novos desmatamentos, sobretudo, na região da Amazônia. Em 2020, a pecuária seguirá sendo o destaque no setor, com crescimento previsto pelo Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA) de 4,3%. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) prevê safra recorde para 2020, o que, segundo o (IPEA), deve gerar um crescimento do PIB agropecuário em 3,7%. A previsão menos otimista é de crescimento de 3,2%. Para investidores estrangeiros, um tema que deve ser acompanhado é a definição das regras para a aquisição de terras por estrangeiros. A proposta encaminhada pelos parlamentares representantes do agronegócio para ampliar as dimensões de terra que podem pertencer a não brasileiros pode ser votada no primeiro semestre de 2020.

ENERGÍA: UNA INDUSTRIA EN CONSTANTE CAMBIO Y GRANDES OPORTUNIDADES



Um setor com vastas oportunidades. Desde aquisição de empresas públicas até à prestação de serviços para geração distribuída. No Brasil, a análise do consumo energético por fontes, com dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), mostra o aumento da participação das fontes renováveis e a queda da utilização dos derivados de petróleo entre os anos de 2011 e 2020. Portanto, soluções para geração e consumo de energia de fontes renováveis têm alto potencial de aceitação no mercado brasileiro. O que envolve a geração distribuída com destaque para biomassa, em caso de grandes empresas, e energia fotovoltaica que também tem crescido nas residências. Grandes investidores podem participar da aquisição das empresas Eletrobras, que reúne 16 companhias de geração e transmissão de energia. A privatização desses ativos está em discussão desde 2017, mas envolve mudanças nas leis e uma delicada negociação com os sindicatos trabalhistas. No entanto, tudo indica que no segundo semestre de 2020 o governo consiga finalmente cumprir o seu objetivo e arrecadar cerca de R\$ 16 bilhões.

Investidores, por enquanto predominantemente nacionais, têm se interessado pelas comercializadoras de energia, empresas que atuam na venda de energia no mercado livre. Na comparação de 12 meses em dados de novembro de 2019, o número de consumidores desse mercado aumentou em 19%. O total comercializado representa 37% de toda a energia consumida no país, segundo a Associação Brasileira de Comercialização de Energia Elétrica (ABRACEEL). No mesmo período, 29% da energia comercializada foi oriunda de parques eólicos, fotovoltaicos, de biomassa e PCHs.

PREVISÕES SETORIAS

ÓLEO E GÁS: NOVAS REGRAS PARA ATRAIR INVESTIDORES

O setor de óleo e gás é um dos mais impactados pelo processo de abertura econômica do Brasil. O maior impacto virá nas mudanças regulatórias que visavam elevar o interesse de investidores na área de exploração, que deverá aumentar as oportunidades nas reservas do pré-sal. Em 2020, o Instituto Brasileiro de Petróleo (IBP) espera que o setor passe por uma transformação sem precedentes reduzindo a participação do governo e com retornos baseados no desempenho do mercado. No modelo vigente para os campos do pré-sal, é responsabilidade do governo definir o bônus pago aos investidores. Destaca-se que a Petrobras tem promovido o desinvestimento no segmento de distribuição e refino, mantendo o seu foco em exploração. Esse movimento deverá ser mantido em 2020, atraindo novos investidores. A possível chegada de novos players deve impactar positivamente a demanda em toda cadeia produtiva do setor por serviços especializados. Atualmente, estes negócios representam 13% do PIB nacional.

TELECOMUNICAÇÕES: O IMPASSE DO 5G

O Brasil é um grande consumidor de serviços de telecomunicações. Dados indicam que os brasileiros dedicam quase 10 horas diárias à internet, acesso concentrado nos smartphones. Pesquisa realizada recentemente pela Deloitte Brasil confirmou a disposição dos usuários em pagar mais por melhores serviços e experiências mais satisfatórias, inclusive para compras online, mercado que cresce no país. Seguindo o mercado internacional, 2020 pode ser marcado por um movimento de fusões aquisições no segmento de fibra óptica e torres. No Brasil, as teles venderam os ativos de torres para enxugar as operações e levantar recursos, mas hoje pensam em criar novas empresas ou recomprar ativos. O número de usuários por torre no país é de quatro mil, nos EUA é no máximo de 500.

A fibra óptica deve mudar esse cenário nos próximos anos, mas antes tem muito espaço para ocupar. O governo ainda não definiu as regras para a sua adesão ao 5G. O tema está em avaliação na Anatel, mas tem sofrido alguns atrasos. A previsão é de que as regras sejam finalmente definidas no primeiro trimestre de 2020 e que o leilão de licenças para operação seja realizado no segundo semestre. Para além da Anatel, o Brasil, como outros países, vem sendo pressionado pelos EUA para impedir a participação da chinesa Huawei no mercado nacional. Assim, apesar das previsões oficiais, mercado não espera uma definição antes de 2021.



O gráfico apresenta o número de contratos vigentes de serviços de telecomunicações até o primeiro semestre de 2019. Os dados são da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).



PREVISÕES SETORIAIS

SANEAMENTO BÁSICO: A OPORTUNIDADE DE AVANÇAR SOBRE UMA URGÊNCIA NACIONAL

Apenas 53,2% da população brasileira é atendida por rede de saneamento básico. Para a universalização do serviço são necessários investimentos de R\$ 50 bilhões/ano até o ano de 2033, totalizando R\$ 700 bilhões. A sociedade brasileira se debruçou nos últimos anos em um amplo debate sobre a regulamentação do setor para a entrada de empresas privadas, já que as empresas são predominantemente públicas. Por isso, também é esperado um ciclo de privatização de empresas estaduais e municipais. O novo marco regulatório que viabilizará a venda de ativos do setor e a formação de parcerias público privadas está em votação no Congresso Nacional. A expectativa é de que seja definido ainda no primeiro trimestre de 2020.

MOBILIDADE: PRIVATIZAÇÕES PODEM TRANSFORMAR O CENÁRIO DA INFRAESTRUTURA

O ministério de Infraestrutura anunciou que para 2020 estão previstas 44 privatizações no setor de mobilidade. O governo espera arrecadar mais de cem bilhões de reais durante a vigência de contratos que alcançam em média 35 anos.

A baixa qualidade de serviços aeroportuários e as péssimas condições das rodovias do país são parte relevante do "custo Brasil" tornam a necessidade de investimentos urgente.

O pacote anunciado pelo governo considera 22 aeroportos (divididos em três blocos), sete rodovias, nove terminais portuários, duas ferrovias e a renovação antecipada de quatro contratos de transporte ferroviário de carga.

SAÚDE: 210 MILHÕES DE PACIENTES OU SERIAM CLIENTES?

O Sistema Único de Saúde (SUS) é referência internacional, mas o objetivo do atual governo é reduzir os investimentos públicos na área e ampliar a atuação de empresas do setor de plano de saúde e outros modelos de negócios populares que possam atender, sobretudo, a população mais carente.

O país já conta com as chamadas "clínicas populares" com baixo custo para realização de consultas e exames. Na área de medicamentos, o governo também vem diminuindo a oferta de remédios subsidiados, abrindo espaço para o setor privado.

CANNABIS NA PAUTA

Como em outros países, o Brasil vive um debate interno sobre a liberalização da produção e comercialização da cannabis. Em novembro, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorizou a comercialização da cannabis medicinal, mas não a produção da planta no país.

O debate continua vivo, até porque é preciso plantar a cannabis para evoluir nas pesquisas nacionais que buscam desenvolver um mercado com diferentes formas de utilização da planta.

PREVISÕES SETORIAIS

CONSUMO: DE VOLTA ÀS COMPRAS

As expectativas para o consumo das famílias brasileiras são positivas. Depois de cinco anos difíceis, os brasileiros estão voltando a elevar o consumo de produtos e serviços. Especialistas projetam uma alta acima dos 2%. O mercado financeiro comprova a expectativa. Na B3, bolsa de valores de São Paulo, as empresas de varejo e serviços têm atraído a atenção dos investidores.

Assim, lojas de departamento, empresas de cosméticos, empresas de turismo e construtoras apresentam bom desempenho e estão sendo recomendadas pelos analistas de mercado. O final de 2019 foi muito positivo para os mercados de ações que tem batido recordes consecutivos, impulsionados, justamente, pelo realismo esperançoso que paira no ar.

Portanto, na área de consumo as oportunidades estão tanto nos investimentos no mercado de ações quanto para empresas que queiram trazer novos negócios para o país.



COMUNICAÇÃO: EM TEMPOS DE TRANSFORMAÇÕES PROFUNDAS, É PRECISO SABER ONDE OUVIR PARA PODER FALAR

Ouvir antes de falar é um conselho dos sábios. Ouvir em tempos em que todos falam por diversos canais é um exercício de atenção e empatia. É preciso estar disposto a entender o que as pessoas querem, mas é muito importante compreender o que elas não querem mais. Para alcançarem e engajarem seus públicos, governos e empresas são desafiados a praticarem constantemente esse exercício e a estarem dispostos a reverem suas práticas e posicionamentos, se preciso for.

No Brasil, o aplicativo de mensagens WhatsApp é o meio mais utilizado por mais de 90% da população para se informar desde questões políticas ou dicas de compras. Os brasileiros são reconhecidos pela sua intensa atividade nas redes sociais, o que vem influenciando a polarização na política e nos costumes.

Esse será o desafio da comunicação no início desta terceira década dos anos 2000: compreender e segmentar corretamente as ações de comunicação para criar vínculos positivos e prósperos.





FONTES:

Órgãos governamentais

Ministério da Economia
Ministério da Infraestrutura
Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA)
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Congresso Nacional

Instituições Privadas

Confederação Nacional da Indústria (CNI)
Confederação Nacional da Agricultura (CNA)
Fundação Getúlio Vargas (FGV)
Instituto Brasileiro de Petróleo
B3
Moody's

Instituições Internacionais

Organização das Nações Unidas (ONU)
Banco Mundial

Imprensa

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Folha de S.Paulo
Jornal O Estado de S.Paulo
GloboNews TV

AGORA
PUBLIC AFFAIRS &
STRATEGIC COMMUNICATIONS

**ALAMEDA SANTOS, 1165 - SALA 121
SÃO PAULO - SP
(11) 3254 2440
WWW.AGORACOMUNICA.COM.BR
INFO@AGORACOMUNICA.COM.BR**